

## **Arbitrariedade e Iconicidade na constituição dos Itens Lexicais da Libras**

### **Arbitrariness and iconicity in the constitution of Libras lexical items**

Jorge Bidarra\*

\* Universidade Estadual do Oeste do Paraná, UNIOESTE, Cascavel – PR, 85819-170,  
e-mail: jorgebidarra@hotmail.com

Rosana de Fátima Janes Constâncio\*\*

\*\* Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados - MS, 79825-070, e-mail:  
rojanesinterprete@gmail.com

**Resumo:** O presente artigo evidencia a questão da relação dos fenômenos linguísticos de arbitrariedade e iconicidade na constituição dos itens lexicais da Libras, buscando refletir possíveis mudanças, variações ou evoluções considerando o primeiro registro do dicionário iconográfico no século XIX. O registro histórico da Língua Brasileira de Sinais, doravante Libras, data do século XIX, com o dicionário iconográfico, reproduzido por Flausino José da Gama, como sendo um meio de divulgar e disseminar a língua de sinais. Após este primeiro registro, outros dicionários e manuais foram elaborados visando a atender distintos objetivos, ora para ensinar uma língua para os surdos, ora para estabelecer a comunicação, e ora visando à integração na sociedade. O reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais como uma língua natural e a sua regulamentação ao nível nacional é fruto do século XXI, embora ainda tenha um longo percurso investigativo nas diversas áreas a ser explorada. Na área da linguística, o que nos instiga a pesquisar são os conceitos linguísticos de arbitrariedade e iconicidade, uma vez que, para muitos, o fato de alguns sinais remeterem à imagem da entidade nominada acaba provocando uma ilusória interpretação de que todo e qualquer sinal em Libras é icônico. Estudos nessa área vêm sendo desenvolvidos nas diferentes línguas de sinais espalhadas pelo mundo. Em relação à Libras, esses estudos têm produzido reflexões e discussões muito produtivas e bastante interessantes, o que torna o assunto instigante e, ao mesmo tempo, desafiador.

**Palavras-chave:** Libras; Itens lexicais; Evolução.

**Abstract:** This article highlights the question of the relation of linguistic phenomena of arbitrariness and iconicity in the constitution of Libras lexical items, seeking to reflect possible changes, variations or evolutions considering the first record of the iconographic dictionary in the 19th century. The historical record of the Brazilian Sign Language, henceforth Libras, dates from the 19th century, with the iconographic dictionary, reproduced by Flausino José da Gama, as a means of disseminating and disseminating sign language. After this first registration, other dictionaries and handbooks were designed to meet different objectives, sometimes to teach a language to the deaf, sometimes to establish communication and sometimes to integrate into society. The recognition of the Brazilian Sign Language as a natural language and its regulation at national level is the result of the 21st century, so Libras still has a long investigative course in the various areas to be explored. In the area of linguistics what urges us to research are the linguistic concepts of arbitrariness and iconicity, since for many

the fact that some lexical items refer to form gives an illusory interpretation that any sign in Libras is iconic. These concepts are being investigated in various sign languages, both East and West, to better understand the structure and formation of sign languages. Thus, the debate on iconicity and arbitrariness will guide our discussion on the relation of these linguistic phenomena in the constitution of Libras.

**Keywords:** Libras. Lexical Items. Evolution.

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Quando pensamos em fronteiras muitas vezes nos vem à mente os limites territoriais que separam as diversas localidades. Por um longo período os indivíduos surdos viveram em situações onde os limites fronteiriços se estabeleciam pela comunicação, no uso da língua. Isto porque no Brasil e em grande parte no mundo, a língua majoritária em uso é a língua oral, que é distinta da língua usada pelos indivíduos surdos que estabelecem a sua comunicação pela língua de sinais, que é de modalidade visuoespacial.

Se para os ouvintes é recorrente o uso da língua oral no estabelecimento da comunicação, para o surdo, a sua comunicação ocorre por meio da língua de sinais. Porém o que a história nos revela é que como consequência das políticas que imperavam em determinado período, nem sempre foi possível estabelecer a comunicação por meio da língua de sinais.

No Brasil, o nosso marco como uso e difusão da língua de sinais data do século XIX, com a fundação do Instituto Nacional de Educação de Surdos, no ano de 1857. Desta data até o ano de 1888, os registros consideram que houve a possibilidade de uso, difusão e disseminação da língua de sinais dentro deste contexto educacional.

O que favoreceu o conhecimento da língua de sinais foi o primeiro registro do dicionário iconográfico, que foi idealizado por um surdo que desempenhava a função de repetidor<sup>1</sup>, Flausino José da Gama, no Instituto Nacional de Educação de Surdos, doravante INES, no período de 1871 a 1878.

Este Instituto é ainda hoje um marco na educação de surdos em virtude dos muitos desafios e conquistas na sua trajetória que foram vivenciados no decorrer dos

---

<sup>1</sup> De acordo com Gama (1875), o repetidor era uma função atribuída a um estudante que devido as suas competências e inteligência era nomeado e habilitado a exercer a tarefa de repetir as lições ministradas pelos professores, bem como realizar a correção dos exercícios. Também tinha a função de acompanhar todas as atividades realizadas pelos estudantes, até mesmo de pernoitar com os mesmos no Instituto.

tempos. Mesmo com tantos enfrentamentos nas políticas educacionais e a diversidade nos diversos modelos pedagógicos que foram implementados para atender às políticas vigentes de cada período, o Instituto manteve a sua missão buscando a formação do estudante surdo.

É importante ressaltar a existência do Instituto por ser o local que possibilitou a elaboração do dicionário iconográfico e dessa forma o uso e difusão dos primeiros itens lexicais da Libras registrados no Brasil.

Este dicionário possibilitou não somente o registro dos sinais, mas também o uso e difusão, inicialmente dentro do espaço do INES e posteriormente em outros contextos sociais, uma vez que os estudantes ao concluírem sua formação retornavam para seus municípios de origem fazendo uso da língua de sinais e, portanto, disseminando a língua para outros utentes (GAMA, 1875).

Embora, a história revele muitos desafios e dificuldades em manter viva a língua de sinais, compreender os primeiros registros dos itens lexicais da Libras nos permitem entender sua constituição, variação e evolução compreendendo que os conceitos linguísticos de arbitrariedade e iconicidade estão presentes e são valiosos em todas as línguas naturais, sejam elas, orais ou de sinais.

Assim, para o favorecimento dos rumos e trilhas no desenvolvimento deste artigo registramos que o presente artigo se encontra organizado da seguinte forma: primeiramente, nas considerações iniciais apresentamos um breve resumo da história dos primeiros registros, logo em seguida abordamos a origem da língua de sinais no Brasil, para em seguida abordar questões que serão norteadoras e relevantes para o debate sobre os conceitos linguísticos de arbitrariedade e iconicidade na formação dos itens lexicais na Libras; em seguida, apresentamos alguns exemplos que nos permitirão refletir sobre a permanência dos mesmos sinais ou evolução no decorrer dos tempos, para em seguida encaminhar nossas conclusões à guisa das considerações preliminares.

## ORIGEM DOS ITENS LEXICAIS DA LIBRAS

O dicionário intitulado *Iconographia dos Signaes dos Surdos\_Mudos*, é constituído de 382 itens lexicais, distribuídos em 20 estampas<sup>2</sup>, com indexação semântica, tendo como objetivo “vulgarizar a linguagem dos signaes, meio predilecto dos surdos mudos para a manifestação dos seus pensamentos” e também de “mostrar o quanto deve ser apreciado um surdo-mudo educado” (GAMA, 1875, p. 12).

Gama teve a preocupação de constar em cada estampa uma página contendo explicações. Entretanto, não há registro de qual foi o critério de seleção para a escolha dos itens lexicais onde consta uma sucinta orientação de como realizar o sinal. Para identificar a explicação ao sinal correspondente ele realiza uma associação relacionando à figura que está numerada no dicionário. Este registro possibilitou o uso e difusão dentro do Instituto e também a disseminação no território nacional até aproximadamente o final do século XIX.

Entretanto, por período de aproximadamente um século, as línguas de sinais, em virtude de atender um modelo educacional voltado para o desenvolvimento da oralidade foi proibida de ser usada nos contextos educacionais e sociais e, como consequência não houve avanços no que se refere aos estudos e gramática da língua de sinais. Contudo, mesmo sendo proibida os surdos de forma velada continuaram a usá-la, embora o modelo vivenciado de 1888 até meados da década de 70 fosse o Oralismo<sup>3</sup>.

Skliar (2013) considera que foi um período crítico em termos linguísticos, pois:

“Foram mais de cem anos de práticas de tentativa de correção, normalização e de violência institucional; instituições especiais que foram reguladas tanto pela caridade e pela beneficência, quanto pela cultura social vigente que requeria uma capacidade para controlar, separar e negar a existência da comunidade surda, da língua de sinais, das identidades surdas e das experiências visuais, que determinam o conjunto de diferenças dos surdos em relação a qualquer outro grupo de sujeitos.” (SKLIAR. 2013, p.13)

Até recentemente a língua de sinais era vista como linguagem, pantomima, gestos ou mesmo como sendo uma manifestação mímica. Somente no século XX, na

---

<sup>2</sup> De acordo com Sofiato (2011, p. 69) “estampa” é o termo usado por Flausino José da Gama para se referir ao conteúdo imagético que compõe a sua obra.

<sup>3</sup> O Oralismo foi uma proposta de ensino com foco no desenvolvimento da oralidade para surdos, com a intenção de que fossem reabilitados, ou “normalizados”, pois, a surdez era considerada uma patologia, uma anormalidade.

década de 1960, com os estudos e pesquisas de William Stokoe com a Língua de Sinais Americana – ASL constatou-se que a mesma dispõe de recursos linguísticos capazes de mostrar que se configura como uma língua natural e não simplesmente como mímica, com uma estrutura e gramática própria capaz de representar qualquer conceito, sejam eles icônicos ou arbitrários. Com seus estudos concluiu que "*a atividade comunicativa das pessoas que usam esta língua [a ASL] é verdadeiramente linguística e suscetível a análise micro linguística do tipo mais rigoroso*" (STOKOE, 1960, p. 67).

Por estes itens lexicais, alguns, apresentarem uma certa relação de semelhança ao referente, os signos linguísticos das línguas de sinais foram e ainda são alvo de debates e reflexões em sua constituição, pois para muitos leigos o que deveria ser categorizado como iconicidade, para estes o que ocorre é uma representação pantomímica, gestou ou mesmo uma imitação do referente. Assim, debater os conceitos de arbitrariedade e iconicidade possibilita esclarecer e compreender como se dá a constituição dos itens lexicais na Libras.

#### ARBITRARIEDADE E ICONICIDADE NA CONSTITUIÇÃO DOS ITENS LEXICAIS DA LIBRAS NA PERSPECTIVA FUNCIONALISTA

Os conceitos de iconicidade e arbitrariedade há muito tempo são refletidos na área da linguística quando consideramos sobre a constituição das palavras. Para Saussure (1989), tudo na língua é fruto de uma convenção social, asseverando assim que o signo linguístico é arbitrário, ou seja, não há uma relação entre a expressão e o que ela designa.

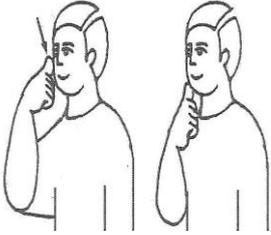
Esses conceitos inicialmente foram alvo de debates e discussões com convencionalistas e naturalistas, visando uma melhor compreensão sobre as motivações das palavras. Se, para os convencionalistas as palavras se constituem por uma convenção social, para os naturalistas há sim uma relação entre a expressão e o conteúdo que designa (NEVES, 2001; FURTADO DA CUNHA; COSTA; CEZARIO, 2015).

A corrente teórica da linguística funcionalista preconiza que “a língua não é um mapeamento arbitrário de ideias para enunciados: razões estritamente humanas de importância e complexidade refletem-se nos traços estruturais das línguas” (FURTADO DA CUNHA; COSTA; CEZARIO, 2015, p. 34).

Mediante essa asseveração é possível afirmar que o funcionalismo defende o princípio de iconicidade, isto é, a língua pode refletir, desse modo, a estrutura da experiência. Dessa forma, compreende que os conceitos de arbitrariedade e iconicidade não são dicotômicos, mas que apresentam um *continuum*, ou seja, é possível que os itens lexicais que apresentam uma característica inicialmente altamente icônica possam evoluir ao longo dos tempos para à arbitrariedade, podendo um item lexical ser plasmado em um referente pré-existente, porém concebido arbitrariamente.

A característica da arbitrariedade do signo não implica a falta de uma motivação, mas compreende uma convenção dada para o uso da comunidade linguística que se estabelece na interação social, pois alguns dos itens lexicais registrados no dicionário iconográfico podem ser assimilados a partir significado atribuído ao sinal quando este foi criado, como por exemplo, o item lexical: MULHER.

Quadro 1: elaborado pelos autores

			
MULHER Passar o indicador desde a ponta até abaixo do queixo.	MULHER Passar o lado do polegar sobre a bochecha, direita duas vezes, de dentro para fora.	MULHER Riscar a ponta do dedo polegar na bochecha, duas vezes	MULHER Passar o lado do polegar sobre a bochecha, em direção ao queixo.

Fonte: GAMA (1875, p.22)    Fonte: OATES, (1969, p. 171)    Fonte: Torre de Vigia (1992, p. 274)    Fonte: CAPOVILLA (2001, p. 927)

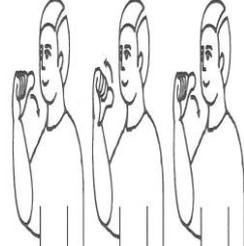
Em sua constituição, a história revela que há dois fatores para este item lexical, sendo inicialmente que era um período onde as mulheres usavam cabelo curto, tipo Chanel e, a segunda característica que no período de sua constituição as mulheres usavam chapéu com uma fita amarrada no queixo. Tais apontamentos consideram que há uma característica icônica que revela quem usa este tipo de indumentária.

Este sinal não sofreu modificação ao longo do tempo, como é possível constatar no quadro acima, embora atualmente o sinal não representa uma característica icônica, mas sim arbitrária.

Outro registro que destacamos com característica altamente icônica, que se perpetuou ao longo dos tempos pela sua própria representação, e que naturalmente é

usual em qualquer língua natural, como no exemplo do item lexical BEBER. Este item lexical com grau de representatividade de um-para-um se manteve no decorrer dos tempos sendo considerados icônicos, pois são altamente representativos, ou seja, do primeiro registro no século XIX até o século XXI o sinal se manteve o mesmo.

Quadro 2: elaborado pelos autores

			
<p><b>BEBER</b> A mesma observação da figura.</p>	<p><b>BEBER</b> Elevar aos lábios a mão direita em A, palma para a esquerda.</p>	<p><b>BEBER</b> Elevar aos lábios a mão direita em A, com o polegar esticado e a palma para esquerda.</p>	<p><b>BEBER</b> Mão direita em A horizontal, palma para a esquerda, polegar distendido, diante da boca. Incliná-lo para trás, próximo da boca.</p>

Fonte: GAMA (1875, p.16)  
(2001,p.234)

Fonte: OATES, (1969, p. 26)

Fonte: Torre de Vigia (1992, p. 23) Fonte: CAPOVILLA

Para além dos itens lexicais, também é possível considerar as letras do alfabeto que está presente na primeira estampa na obra de Gama (1875). Do registro das 25 letras que constam na estampa inicial é possível constatar que há oito letras que possuem caráter altamente icônico: C, I, J, L, O, V, W e Z. Além destas letras, outras quatro possuem uma característica que podem refletir o significado como por exemplo, as letras: D, K, M, N, e, treze letras com representação arbitrária.

Quadro 3: elaborado pelos autores



Fonte: GAMA, *Iconographia dos Signaes dos Surdos\_Mudos*. 1875.

Para Leufkens (2014), existe a absorção de estruturas mais transparentes mantendo uma relação bijetiva (um-para-um) entre forma e significado, que aos poucos vai ganhando opacidade, na medida em que o usuário da língua de sinais vai ganhando mais autonomia. Compreende-se como transparentes por ser mais evidente ao estabelecer uma associação ao referente, como no exemplo acima das letras que são visualmente identificáveis pela sua representação.

Quadro 2: elaborado pelos autores

<p>4. Penna</p>			
<p>4. PENA Arbitrário</p>	<p>4. PENA / CANETA Icônico</p>	<p>4. PENA / CANETA Icônico</p>	<p>4. PENA / CANETA Icônico</p>

Fonte: GAMA (1875, p.18)

Fonte: OATES, (1969, P. 95)

Fonte: Torre de Vigia (1992, P. 96)

Fonte: CAPOVILLA (2001, p. 352)

O sinal de caneta sofreu uma evolução com o tempo em decorrência da evolução tecnológica, sempre foi correspondente a forma, mas representando o seu modelo para cada período. Assim, em 1875 o uso de pena para o registro com tinta coletada no

tinteiro; depois a caneta já com a tinta e com tampa que era rosqueada nos anos de 1960; no período correspondente a década de 90 a caneta com tampa de tirar e colocar (sem a necessidade de rosquear) e, atualmente um novo modelo é a caneta onde não há a tampa. Assim, Borges Neto (2003, p. 43) afirma que, “a língua é um lugar culturalmente importante com certeza. É possível nós termos a linguagem como meio de construção de cultura, como modificação de cultura, de transmissão de cultura”.

Neste sentido o estudo da história e origem das línguas, especificamente da língua brasileira de sinais permite a compreensão da origem do léxico considerando a evolução no decorrer dos tempos (diacronia); a criação de novos sinais que surgiram em decorrência da necessidade da comunicação (os neologismos); alguns empréstimos linguísticos que passaram a fazer parte do léxico da libras, que de acordo com Thompson e Hopper (1980), propiciam compreender o uso da língua com suas motivações funcionais para cada situação de uso.

Para TAUB, (2000) os sinais que inicialmente se constituem por uma motivação podem se modificar e perder esta característica ao longo do tempo com a evolução e uso nos diversos contextos de seus utentes.

Esta evolução representa o que alguns teóricos funcionalistas admitem “que semanticamente a trajetória de gramaticalização se manifesta na passagem do concreto para o abstrato” (FURTADO DA CUNHA, 2015).

Assim podemos compreender que existe uma forma gradual em termos de transparência, uma vez que é esperado que as línguas violem, em alguma medida, a transparência em suas relações gramaticais ou na própria composição do léxico.

Dessa forma compreende-se que a gramática é o arcabouço que regula a língua e quando a língua está em uso esta gramática se constitui diante dos falares. O ser humano tem uma capacidade inata e ao longo do tempo vai se apropriando e construindo a língua possibilitando que os mecanismos que existem cognitivamente possam parametrizar.

Portanto, os itens lexicais, sejam eles icônicos e/ou arbitrários, formam o léxico das línguas em sua constituição e podem ser inicialmente motivados, mas pelo uso e evolução podem perder esta característica motivacional. De acordo com Costa (2012) “a arbitrariedade não é ausência de motivação, mas sim a impossibilidade de se recuperar a motivação de um dado signo linguístico”.

## CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Podemos sintetizar fundamentados na visão funcionalista com as premissas de Givón (1995), que a língua é viva e dinâmica, para atender as funções cognitivas e comunicativas, considerando fatores socioculturais onde a língua pode ser motivada, icônica, sendo maleável, não rígida, com uma gramática emergente para atender as mudanças em decorrência da evolução.

O objeto de reflexão refuta a concepção de que uma língua possa ser mais valorosa do que outra por ser mais ou menos conceitual, pois as línguas meramente têm formas distintas de representar os conceitos.

## REFERÊNCIAS

- BRASIL, *Lei nº 10.436 DE 24 de abril de 2002*. Brasília: Presidência da República, Casa Civil, 2002. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/2002/L10436.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2002/L10436.htm) Acesso em 28/11/2018.
- CAPOVILLA Fernando César, RAPHAEL, Walquíria Duarte. *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira*. Editora da Universidade de São Paulo – Edusp. São Paulo, SP. 2001
- COSTA, Vitor Hugo. *Iconicidade e produtividade na língua brasileira de sinais: a dupla articulação da linguagem em perspectiva*; Orientadora, Maria Angélica Furtado da Cunha – Natal, RN, 2009. 187 p. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem.
- GAMA, Flausino José da. *Iconografia dos signaes dos surdos-mudos* / Flausino José da Gama – Rio de Janeiro: INES, 2011. (Série Histórica do Instituto Nacional de Educação de Surdos; 1)
- GIVÓN, T. Iconicity, isomorphism and nonarbitrary coding in syntax. In: HAIMAN, J. (ed.) *Iconicity in Syntax*. Amsterdam: John Benjamins, 1985. P. 187-219.
- MARTELOTTA, M. E.; AREAS, E. K. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: FURTADO DA CUNHA, M. A.; RIOS DE OLIVEIRA, M.; MARTELOTTA, M. E. *Linguística funcional: teoria e prática*. R. de Janeiro: Faperj/DP&A, 2003.
- FURTADO DA CUNHA, M. A.; COSTA, M. A.; CEZARIO, M. M. . Pressupostos teóricos fundamentais. In: Maria Angélica Furtado da Cunha; Mariângela Rios de Oliveira; Mário Eduardo Martelotta. (Org.). *Linguística Funcional - teoria e prática*. 2ed. São Paulo: Parábola, 2015, v. 1, p. 21-47
- LEUFKENS, S. *Transparency in language*. A typological study. Amsterdã. Tese de Doutorado. Universidade de Amsterdã. 2014.
- NEVES, M. H. M. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- OATES, Eugênio. *Linguagem das Mãos*. Gráfica Editora Livro S.A. Rio de Janeiro, 1969.

- SKLIAR, Carlos. *A surdez: um olhar sobre as diferenças*/ Carlos Skliar (org). 6° ed. Porto Alegre: Mediação, 2013.
- SOFIATO, Cassia Geciauskas. *Do desenho à litografia: a origem da língua brasileira de sinais*. / Cassia Geciauskas Sofiato. – Campinas, SP: [s.n.], 2011.
- SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 2012
- Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados. *Linguagem de Sinais*. Associação Torre de Vigia de Bíblias e Tratados Cesário Lange, SP. 1992
- STOKOE, W. 1960. Sign Language Structure: An outline of the visual communication systems of the american deaf. *Studies in Linguistics*, nº 8. University of Buffalo.

Data de recebimento: 30/11/2019  
Data de aprovação: 03/12/2019